

A ELEGIA 1,19 DE TIBULO, AMOR E MORTE.

Marco Antonio Abrantes de Barros Godoi*
(Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

RESUMO: A elegia amorosa romana segue uma convenção de temas existências em torno do amor, cada autor, seja Tibulo, Proércio ou Ovídio, desenvolvem temas e jogos discursivos para expressar os dramas afetivos tentando se superar a originalidade expressiva dentro das convenções do gênero. A elegia de Tibulo, 1, 19 desenvolve o discurso sobre o amor eterno que suplanta o tempo da existência dos entes queridos, o poeta e a sua amada Cíntia. A partir deste motivo poético o poeta desenvolve um jogo discursivo que é trabalhado para que seja compreendido pelo leitor contemporâneo um tipo de amor que transcende a existência.

PALAVRAS-CHAVE: elegia; amor; morte.

THE ELEGY 1.19 OF TIBULLUS, LOVE AND DEATH

ABSTRACT: The Roman love elegy follows a convention of existential themes around love, each author, be it Tibulo, Proércio or Ovid, develop themes and discursive games to express affective dramas trying to overcome expressive originality within the conventions of the genre. The elegy of Tibulo, 1, 19 develops the discourse on eternal love that surpasses the time of the existence of loved ones, the poet and his beloved Cynthia. From this poetic motive the poet develops a discursive game that is worked so that the contemporary reader understands a kind of love that transcends existence.

KEYWORDS: elegy; love; death.

1 Introdução:

A elegia amorosa romana foi uma manifestação literária que teve seu auge no século I a.C. com os autores Tibulo, Propércio e Ovídio, os três autores desenvolveram ao máximo esta temática no gênero elegíaco de origem grega. Como gênero literário é metricamente constituído de um verso Hexâmetro e um Pentâmetro, cujo tom é de lamúria e composição discursiva variável. Esta manifestação literária adquiriu com os romanos diversas formas, solilóquios, discursos direcionados a amigos, amigas e rivais, elementos de narrativa mitológica que serviam como exemplo para o tema tratado, discursos que revelavam uma reflexão do autor, dentre outras propostas. Quanto a elegia amorosa, segundo Roy Gibson: “Love *elegy typically offers confrontation – and one at*

* E-mail: ma.godoi@uol.com.br

quarum nulla tua fuerit mihi, Cynthia, forma 15
gratior et (Tellus hoc ita iusta sinat)
quamvis te longae remorentur fata senectae,
cara tamen lacrimis ossa futura meis.
quae tu viva mea possis sentire favilla!
tum mihi non ullo mors sit amara loco. 20
quam vereor, ne te contempto, Cynthia, busto
abstrahat a nostro pulvere iniquus Amor,
cogat et invitam lacrimas siccare cadentis!
flectitur assiduis certa puella minis.
quare, dum licet, inter nos laetemur amantes: 25
non satis est ullo tempore longus amor.

Eu mesmo, ó Cíntia, não temo, neste momento, os tristes manes,
 Nem me importo com o fado destinado da extrema fogueira,
 Mas sim que meu funeral me prive de teu sólido amor.
 Este temor é mais pesado que as próprias exéquias.
 Não, por acaso, o menino (cupido) sem dificuldade, fixou nossos olhos,
 Para que minhas cinzas vague o nosso amor selado.
 Lá, o herói filácida da jucunda esposa
 Não pôde ser esquecido, no lugar obscuro,
 Mas o Cupido, para tocar com falsas mãos os prazeres,
 O Tessálio aproximara-se, pela sombra, à antiga casa.
 Lá, quem quer que eu seja, consagrarei sempre a tua imagem;
 Pois o Grande Amor transcende também os litorais do fado eterno.
 Lá, os coros da formosa heroína virão,
 Os quais, como presas dardânicas, foram dados aos varões argivos.
 Ò Cíntia, nenhuma beleza será mais grata para mim que a tua,
 E (Que essa terra justa permita)
 Por mais que os fados da longa velhice te retenham,
 Às minhas lágrimas os teus ossos hão de ser caros.
 Tu, que estando viva, possas sentir minhas cinzas!
 Assim, para mim, a morte não será amarga em nenhum lugar.
 O quão eu temo, Cíntia, que tu desprezes meu busto,
 E um amor iniquo te afaste de nossa cinza,
 Afaste involuntariamente e seque as lágrimas derramadas!
 A moça correta é dobrada por assíduas ameaças.
 Por isso, enquanto for permitido, que, entre nós, nos regozijemos como amantes:
 Um longo amor não é o bastante para qualquer tempo.

3 A análise do texto:

O texto de Propércio tem por principal tema a transcendência do amor entre o amante e a amada após a morte do amante. O amor do eu-poético transcende a morte, visto que o poeta continuará amando a sua amada no mundo dos mortos. Todos os aspectos culturais associados ao rito fúnebre e à morte se manifestam no texto: os Manes no verso 1; a morte como *fatum* (vv2), isto é, o destino certo e derradeiro do poeta; as *exequiae* e o *funus* (respectivamente versos 4 e 5), e por fim as *pluvis* (vv 6), visto que a prática mais comum era a cremação do corpo do falecido. Estes elementos que representam o apagar de uma presença é vista pelo poeta não como algo a se temer

(*vereor*, vv. 1), mas o que o poeta teme mais é a perda de vínculo com a amada. E no verso 3 o poeta qualifica o amor de ambos como *forte amore*, que contradiz a realidade matéria da vida que é passageira. Neste caso o amor adquire uma qualidade perene contrapondo-se a impermanência da existência da vida do poeta. O Cupido, uma divindade eterna que provoca o desejo dos amantes por si só já é o elemento fixador do encontro dos amantes, que se fará também além-túmulo (vv 5).

Nos versos 7 a 10 o poeta ilustra com o mito do herói Protesilau, filho da Filácida, recém-casado com Laodâmia, viaja para a guerra de Tróia, e é o primeiro a ser morto ao desembarcar; Laodâmia, desesperada ao saber da morte do recém-esposo, roga aos Deuses que ela possa o rever por alguns instantes, tendo Protesilau também pedido o mesmo no mundo dos mortos, concebido o pedido, Protesilau volta para o mundo dos mortos e Laodâmia se mata para se juntar ao seu amor no Hades. O mito aqui funciona como um elemento simbólico que, neste caso, pela similitude de situação serve para corroborar os valores que são tematizados nesta circunstância da “vida” do poeta; representa e reforça os valores preservados neste discurso, isto é, a transcendência do amor. Na realidade podemos verificar que Propércio está mostrando-nos que a paixão do poeta alcança uma plenitude com a morte.

Nos versos 11 a 25 o poeta trabalha a questão da veneração da amada pelo falecido, inclusive no culto aos ancestrais (*quam verero, ne te contemplo, Cynthia, busto*, vv 21). Há a alusão às heroínas troianas, que, depois de mortas, formaram um coro nos Campos Helísios; O temor de que o tempo faça a amada se esquecer de “cultuar” seu falecido amante está presente ao se preocupar com a presença de um *iniquus amor* (vv.22) visto que a presença do poeta é imagética pelo busto e pela memória da amada, enquanto o amor profano será uma presença física.

Por fim temos no último verso um resumo sentencioso que estabelece e fecha a temática do amor perpétuo nesta poesia de Propércio *non satis est ullo tempore longus amor* (vv. 26) O amor é longo mas o tempo é qualquer tempo, mas representa a indefinição mas uma indefinição que carrega em si a unidade das coisas, visto que pronome relativo *ullus,-a,-um*, deriva de *unus,-a,-um*. O amor é definido por sua durabilidade e a realidade não satisfaz o desejo deste amor que se demanda eterno.

3.1 O espaço e o tempo na poesia:

A espacialidade e a temporalidade em uma narrativa servem para estabelecer uma verossimilhança como o real do leitor, então o poeta nesta poesia desenvolve certas estratégias para colocar o leitor no meio da discursividade que o poeta pretende expor. Na língua latina são os casos ablativo e acusativo que estabelecem uma marca visível destas duas categorias espaço-temporal. Como por exemplo os ablativos *exequiis* (vv4) e *caecis locis* (vv.8) estabelecem o local do poeta, isto é, na morte. O espaço da amada é na vida. O tempo se desdobra em dois, o tempo do narrador que é em vida, ele está no presente, mas o tempo do objeto narrado é o futuro, a partir do lugar do luto da amada pela morte do poeta.

O tempo presente do narrador se manifesta no primeiro verbo *uereor*, verbo deponente que tem por marcação semântica a ação auto reflexiva, isto é, o poeta teme por si e não por outros, na realidade trata-se de uma jogada de linguagem que reflete o temor da morte por perder-se de sua amada, mas é negado pelo advérbio *non*, que poderíamos pensar como uma negação do que se realmente teme.

Há também o tempo da transcendência que se reflete na frase final da poesia a frase sentenciosa está com o verbo *est*, que designa um valor absoluto do ser e o advérbio *ullo* que indetermina o *tempore*, no ablativo determinando um tempo abstrato e fixado pela eternidade. Há que se ressaltar que a sociedade romana encara o tempo dos

mortos como o tempo do fixo, isto é, um tempo que é perene e que estabelece as relações que se tornam permanentes no mundo dos mortos como o coro de troianas, que se repete constantemente em sua ação de cantar nos Campos Elísios (Poderíamos aqui citar o Sulpício de Tântalo que é repetitivo).

Quanto aos espaços temos o jogo do espaço da vida e da morte, o poeta reitera o seu espaço que é o do *illic*, advérbio de lugar que é derivado do pronome demonstrativo *ille, illa, illud*, o lugar distante do narrador em que ele se coloca diante da amada.

A amada, que se encontra viva, permanece no tempo e espaço da existência até a velhice, mas o *Amor* que é o lugar e o tempo onde o casal se encontra transcende estes dois locais, visto que ele permanece e se presentifica no outro mundo por parte do poeta. O drama está no percurso de existência da amada, então o poeta de uma certa forma se propõe, por meio desta narrativa se tornar uma marca perene para a amada ao afirmar que seu amor transcende à morte.

Incluindo nesta questão do tempo e espaço há que se considerar valores romanos que buscam estabelecer uma harmonia na existência dos amantes a *fides* e a *pietas*. A *fides* é a garantia de que este amor seja continuamente cultivado diante das vicissitudes da vida. Este valor romano é ressaltado na poesia de Propércio na questão da relação amante e amada como um pacto firme que se propõe duradouro. A *pietas*, que é um sentido de obrigação de ser fiél à memória a quem se está ligado por natureza, ela serve como um recurso de veneração permanente no tempo e espaço de quem vive, daí o culto aos ancestrais que se manifesta na presença do busto do amado perante a amada.

4 Considerações finais:

Ao lermos e analisarmos esta poesia de Propércio, podemos identificar características recorrentes nas temáticas variadas das Elegias Amorasas Romanas, encontramos além da questão da morte como elemento que sublima essa relação amorosa no nível dos valores tradicionais romanos como a *fides* e a *pietas*, encontramos os elementos mitológicos que se fazem presentes para reforçar o motivo temático da poesia.

O poeta fala de si e de sua amada na situação de falecimento do mesmo, um episódio comum da vida privada. O amor é o valor absoluto neste tipo de poesia, Este amor que é conflituoso que serve para colocar o amado na *nequitia* social, torando o poeta elegíaco um homem à margem da restauração de Augusto para a sociedade romana, o amor passa a ser assim um valor auto-suficiente que se contrapõe à ideologia da *civitas romana*. Esta poesia manifesta com seus elementos culturais, como os elementos do funeral, valores essenciais da vida privada e não da pública.

Outro fator que se manifesta é a “escravidão amorosa” que torna o poeta um serviçal de uma amada que é de estrato inferior ao seu ou uma estrangeira, visto que é uma amante não esposa, assim o poeta inverte a lógica social. Esta lógica que subverte os valores tradicionais romanos refletem uma transformação na sociedade romana que o poeta se reserva a defender diante da política augustana de restauração do *mos maiorum*. Novos tempos constroem novos espaços estabelecendo novas relações entre os membros da sociedade romana, e Propércio passa a ser uma voz poética que reverbera esta transformação social que defende uma certa individualidade diante da invasiva moral pública tradicional romana.

Referências Bibliográficas

CITRONI, M, CONSOLINO, F.L et alii. *Literatura de Roma Antiga*. Trad.:Margarida Miranda e Isaías Hipóito. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

ERNOUT, A. & MEILLET. A. *Dictionnaire ethymologique de la langue latine: histoire des mots*. Paris, Klincksieck, 1985.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de Análise do Discursos*. São Paulo: Contexto, 2000.

GREIMAS, A.J. & COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo, 2ª ed. Contexto, 2011

HARRISON, Stephen (org.). *A Companion to Latin Literature*. Oxford, Blackwell Publishing ltd, 2008.

MARTIN, Rene & GAILLARD, Jaques. *Les Genres Littéraires à Rome*. Paris, Éditions Nathan, 1990.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo, Cultrix, s.d.

REIS, C. & LOPES, A.C. *Dicionário de Teoria da Narrativa*. São Paulo, Ática, 1988.